



Universidade de Brasília – UnB

Instituto Letras

Monografia de graduação em Letras - Licenciatura

Victoria de Rezende Yehia

**A Melancolia e a Paralisia da Escolha: A Figueira de Sylvia Plath e a
Perspectiva Aristotélica**

Brasília - DF

2025

**A Melancolia E A Paralisia Da Escolha: A Figueira De Sylvia Plath E A Perspectiva
Aristotélica**

Monografia final, apresentado à
Universidade de Brasília, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Letras – Licenciatura, sob a orientação do
professor Gabriel Pinezi

Brasília - DF

2025

RESUMO

A melancolia – talvez a condição de seres excepcionais – revela ser um fenômeno que atravessa expressões artísticas e produções intelectuais. Assim, o presente artigo visa investigar o traço da personalidade melancólica, cuja característica perpassa concomitantemente tanto como uma lucidez intensa quanto a alma consumida do próprio ser melancólico. Para isso, utilizaremos como base um expoente da literatura norteamericana, Sylvia Plath. Nesse sentido, a pesquisa explora a relação ente melancolia no paradoxo de genialidade e destruição. Primeiramente, percorreremos a análise do único romance produzido pela autora – *A Redoma de Vidro*. A investigação permeia a sua existência pessoal e, também, a sua produção artística, revelando como essa condição emocional está intrinsecamente ligada a sua genialidade criativa e sofrimento. Em seguida, fundamentaremos em Aristóteles, que questiona porque indivíduos excepcionais, como filósofos e artistas, são frequentemente marcados pela melancolia. O filósofo grego constata essa condição não como uma doença, mas como um traço ligado à grande criatividade. Esse conceito é ampliado com a obra *Melancolia I* de Albrecht Dürer, que retrata uma figura alada, simbolizando o gênio melancólico, dotado de grande inteligência, mas paralisado pela introspecção. Por fim, exploraremos a metáfora da figueira em *A Redoma de Vidro*, em que Esther não consegue escolher entre várias possibilidades de vida, representando o paradoxo da melancolia. Isto é, a grande inteligência traz múltiplas opções, mas também paralisa e sofrimento. Esse dilema reflete a tensão entre a potencialidade criativa e a dor existencial, presente tanto em Plath quanto em sua protagonista.

Palavras-chave: Aristóteles; A Redoma de Vidro; Durer; Melancolia; Sylvia Plath.

ABSTRACT

Melancholy – perhaps the condition of exceptional beings – reveals itself as a phenomenon that permeates artistic expressions and intellectual productions. Thus, this article aims to investigate the trait of the melancholic personality, whose characteristic simultaneously encompasses both intense lucidity and the consumed soul of the melancholic individual. To this end, we will use as a basis a prominent figure in American literature, Sylvia Plath. In this sense, the research explores the relationship between melancholy in the paradox of genius and destruction. First, we will analyze the only novel produced by the author – **The Bell Jar**. The investigation delves into her personal existence as well as her artistic production, revealing how this emotional condition is intrinsically linked to her creative genius and suffering. Next, we will draw on Aristotle, who questions why exceptional individuals, such as philosophers and artists, are often marked by melancholy. The Greek philosopher views this condition not as a disease but as a trait associated with great creativity. This concept is expanded upon in Albrecht Dürer's **Melencolia I**, which depicts a winged figure symbolizing the melancholic genius, endowed with great intelligence but paralyzed by introspection. Finally, we will explore the metaphor of the fig tree in **The Bell Jar**, where Esther cannot choose among various life possibilities, representing the paradox of melancholy. That is, great intelligence brings multiple options but also paralysis and suffering. This dilemma reflects the tension between creative potential and existential pain, present both in Plath and her protagonist.

Keywords: Aristóteles; Bell Jar; Durer; Melancholy; Sylvia Plath.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I – A DUALIDADE ENTRE SYLVIA PLATH E ESTHER GREENWOOD	8
CAPÍTULO II – A MELANCOLIA PARA ARISTÓTELES E DURER.....	10
CAPÍTULO III – A ÁRVORE DE FIGOS COMO SÍMBOLO DA MELANCOLIA DE SYLVIA PLATH.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16

1. Introdução

A melancolia, um estado emocional paralisante, perpassa a existência individual. Por diversas vezes, ela foi associada a uma relação de força criativa e destrutiva – de uma genialidade e sofrimento. Essa experiência pode ser observada tanto na obra de diversos autores quanto na vida pessoal de cada um deles. Um exemplo notável na literatura contemporânea é a poeta e romancista norte-americana, Sylvia Plath, cujas obras são constituídas de diversas poesias, mas apenas um romance.

Assim, a presente monografia almeja investigar justamente como a melancolia se manifesta em Sylvia Plath. Ou seja, de que forma seu traço melancólico está inerente, não apenas em suas obras, mas também em sua existência individual.

Nesse sentido, primeiramente, é essencial explorar a história de quem foi Sylvia Plath. Para isso, analisaremos a melancolia em seu romance, *A Redoma de Vidro*, dado que é um livro de caráter autobiográfico — ainda que ela nunca tenha admitido isso. Em tal romance, que foi publicado um mês antes de seu suicídio. A autora construiu uma escrita marcada por um profundo mergulho na subjetividade, explorando temas como angústia, identidade e morte. Ou seja, a obra pode ser lida como uma expressão literária de sua própria experiência melancólica.

Em seguida, investigaremos a melancolia não apenas nos textos de Plath, mas também apoiando-nos na filosofia a partir de Aristóteles. Isto porque, desde a Antiguidade, a melancolia foi relacionada ao intelecto e à criatividade. Assim, é preciso e essencial analisar o *Problema XXX*, que questiona o porquê de tantos indivíduos notáveis — filósofos, poetas, artistas e estadistas — apresentam uma inclinação natural à melancolia. Para ele, a genialidade estaria inevitavelmente atrelada a uma sensibilidade extrema, que poderia tanto impulsionar grandes feitos quanto levar o indivíduo ao sofrimento.

É evidente a relação entre Plath e essa concepção aristotélica, já que tanto a autora quanto sua personagem em *A Redoma de Vidro* compartilham a tensão entre inteligência e melancolia. Ou seja, a vasta percepção de Plath do mundo e de si mesma a torna brilhante, mas também vulnerável a uma profunda existência melancólica.

A ideia aristotélica de “gênio melancólico”, séculos depois, encontra um desdobramento na arte visual, especialmente na gravura *Melancholia I* (1514), do artista renascentista Albrecht Dürer. A obra retrata uma figura feminina alada, envolta em um ambiente caótico de instrumentos matemáticos e artísticos, mas paralisada, como se estivesse presa em um estado de introspecção profunda. A representação de Dürer reforça a dualidade da melancolia: ao mesmo tempo que está associada à inteligência e à criatividade, ela também sugere uma paralisia e sofrimento.

Tal ambivalência se manifesta em *A Redoma de Vidro*, onde Esther Greenwood, a protagonista, percebe-se sufocada pelas múltiplas expectativas e pelo próprio peso de sua consciência, incapaz de tomar decisões e encontrar sentido em sua existência. Um trecho da obra essencial para compreendê-la é a metáfora da figueira, em que Esther imagina diante de si uma árvore carregada de frutos, cada um representando um futuro possível: uma carreira brilhante, um casamento feliz, uma vida de viagens e aventuras. Contudo, diante da impossibilidade de escolher um único caminho, ela se vê paralisada, enquanto os figos apodrecem e caem ao chão.

Exploraremos, então, como tal momento sintetiza não apenas o conflito interno da personagem, mas também o dilema do “gênio melancólico”: a vastidão de possibilidades não gera liberdade, mas sim paralisia e sofrimento. Assim como a figura alada de Dürer e os pensadores descritos por Aristóteles, Esther Greenwood — e, por extensão, Sylvia Plath — representa a mente brilhante aprisionada nas infinitas possibilidades.

Ao analisar o livro em questão sob a perspectiva da melancolia, é possível compreender como Plath articula uma visão singular do sofrimento psíquico. Isto é, não apenas como um fardo individual, mas como uma experiência estética e filosófica. Dessa forma, a obra transcende o relato autobiográfico e se torna um testemunho da relação complexa entre genialidade e melancolia, criação e destruição, lucidez e paralisia.

Isto posto, buscamos, com a presente monografia, compreender de que forma Plath é essencialmente melancólica. Tal análise perpassará por Aristóteles e Dürer, uma vez que tais autores nos convida a refletir sobre os limites da mente brilhante — e sobre o preço da consciência melancólica.

1. A Dualidade Entre Sylvia Plath E Esther Greenwood

A vida de Sylvia Plath é, indiscutivelmente, necessária para compreender, de fato, sua obra, principalmente quando se analisa o livro *A Redoma de Vidro*, único romance publicado pela autora. O livro, tal como supracitado, tido como uma autobiografia, ainda que não tenha sido confirmado por Plath, é um retrato fiel dos fantasmas que assombravam sua mente. A autora, que acabou tirando a própria vida apenas um mês após a publicação da obra, deixou na literatura um testemunho visceral de sua luta interna.

Durante a narrativa, Plath conta a história de Esther Greenwood, uma estudante recém-formada que é convidada a trabalhar em uma revista feminina, algo que também aconteceu com a própria autora. A personagem principal divide com Sylvia não apenas situações biográficas, mas também o traço de personalidade melancólica, como uma certa “acidez” e, claro, com sua perspicácia.

Sylvia e Esther compartilham, ainda, a sina do gênio atormentado. Ambas, personagem e autora, padecem da paralisia causada pelos pensamentos melancólicos, que trazem ao texto o peso da inércia forçada pelo próprio desgaste emocional. Esther Greenwood é extremamente inteligente e talentosa, mas suas dúvidas acerca de si mesma fazem com que fique mortificada, sem comer, sem beber e sem tomar banho. Sua existência se torna um espelho do que Plath experimentava na vida real, tornando o romance um mergulho profundo na mente de uma mulher consumida pela depressão.

Sylvia Plath foi uma das maiores e mais reconhecidas vozes da chamada poesia confessional. Nascida em 1932, nos Estados Unidos, no estado de Massachusetts, era filha de um professor universitário, o biólogo Otto Plath. A autora começou a escrever ainda muito jovem e, após a morte do pai, sua literatura passou a apresentar traços claros de tristeza e angústia. O trauma da perda paterna tão cedo foi um catalisador para que toda a sua melancolia se manifestasse em sua escrita e, para além do luto, a autora também sofria com a pressão social e familiar.

Destacou-se como aluna durante seu curso na Smith College e, depois, na Universidade de Cambridge, onde sua depressão se intensificou. Em 1953, Plath entrou em colapso devido à doença e foi internada por sua mãe. Em *A Redoma de Vidro*, a personagem Esther Greenwood também é internada, estabelecendo mais um elo entre ficção e realidade. No que diz respeito a sua mãe, é possível compreender em seu livro como se sentia culpada por seu estado mental (ou por propriamente por quem ela era). Em dado momento do romance, Esther diz o seguinte sobre sua relação com a mãe: o rosto da minha mãe veio a minha mente, uma lua pálida e reprovadora, em sua última visita ao asilo desde meu aniversário de vinte anos. Uma filha em um manicômio! Eu tinha feito isso a ela. (PLATH, p. 237, 2006). Ou seja, tanto para a personagem quanto para a própria autora, a culpa se faz presente, retratando a imagem que possuía de si mesma.

A partir dessa citação, constata-se o conflito emocional. A frase sintetiza o conflito emocional que tanto Plath quanto sua personagem vivenciaram: um misto de culpa, ressentimento e a sensação de ser um fardo para aqueles ao redor. Essa angústia, presente ao longo de todo o romance, reforça o caráter autobiográfico da obra e permite ao leitor uma compreensão mais profunda da dor que Sylvia Plath carregava.

Assim, *A Redoma de Vidro* vai além de uma simples história sobre depressão: é um testemunho da fragilidade humana e da complexidade da mente de sua autora. Sylvia Plath transformou sua dor em literatura, criando uma obra que continua a impactar leitores décadas após sua morte. Seu legado, marcado por uma escrita visceral e profundamente pessoal, faz com que sua voz permaneça viva, ecoando entre aqueles que se identificam com sua jornada de sofrimento e autodescoberta.

2. Melancolia para Aristóteles e Dürer

A melancolia, como dito anteriormente, é um tema recorrente na vida humana. Ora estudada com um viés médico-acadêmico, ora retratada nas artes, independentemente do contexto, existe um elemento que amalgama todas essas teorias: a melancolia como estado de sofrimento emocional. Em suma, o sofrimento poderá estar ligado à melancolia, ou também a um estado de tristeza patológico.

Partindo de uma análise etimológica da palavra "melancolia", que explicará o que será exposto em seguida, temos o seguinte: originária do grego antigo *melancholia*, é o resultado da junção de *melas*, que significa “negro” ou “escuro”, e *khloe*, que significa “bile”. Ou seja, a melancolia nada mais seria do que o excesso, exatamente, dessa “bile negra” no corpo humano.

A teoria dos humores, postulada por Hipócrates, considerado o pai da Medicina e precursor da observação clínica, é onde, pela primeira vez, a ideia de melancolia é teorizada. Para o médico grego, a saúde humana seria definida pelo equilíbrio entre quatro fluidos corporais, chamados de humores. A saúde seria prejudicada caso qualquer um desses fluidos estivesse em desequilíbrio. Os humores descritos por Hipócrates seriam: o sangue, a fleuma, a bÍlis e a bÍlis negra. O melancólico, portanto, seria aquele acometido pelo desequilíbrio da bÍlis negra no corpo. O indivíduo melancólico, para Hipócrates, apresentaria um quadro semelhante ao depressivo na concepção atual, podendo sofrer de insônia, ansiedade e pensamentos pessimistas.

Em seu tratado *Problema XXX I*, Aristóteles indaga sobre a razão pela qual pessoas “excepcionais” teriam traços marcados de melancolia. Seu texto começa com a seguinte indagação:

"Por que é que todos os que se tornaram eminentes em filosofia, poesia, política ou nas artes têm claramente um temperamento melancólico, alguns chegando ao ponto de serem afetados por doenças causadas pela bÍlis negra, como é dito que se sucedeu a Heracles dentre os heróis?" (ARISTÓTELES, p. 3211, 1984)

Isto posto, o filósofo grego então continua seu raciocínio baseando-se nessa premissa de que os excepcionais seriam todos melancólicos por terem a presença majoritária da bÍlis negra no organismo, em consonância com a teoria humoral de Hipócrates. A diferença entre as ideias postuladas por Aristóteles e Hipócrates está, justamente, na forma como ambos trataram a melancolia. Para Hipócrates, a melancolia era vista como uma enfermidade; já para Aristóteles, a melancolia seria aquilo que conferiria ao indivíduo grandes capacidades criativas e intelectuais.

A análise feita por Aristóteles sobre o que seria a melancolia foi revolucionária para sua época, justamente por retirar essa condição do campo do mero desequilíbrio corporal e alçá-la ao lugar de responsável por conferir características extraordinárias ao melancólico. Contudo, o filósofo grego também vê o estado melancólico como paradoxal, uma vez que a mente tomada por esses pensamentos poderia tanto levar à genialidade quanto à destruição, dependendo de como o indivíduo lidava com seu emocional.

Como citado anteriormente, outra perspectiva da melancolia é a gravura *Melancolia I*, de Albrecht Dürer, onde o artista traz para o espectador uma enigmática figura alada, apoiada em sua mão, aparentemente sorumbática e letárgica. A figura alada pode ser um retrato de como a melancolia confere ao melancólico uma sensação de impotência diante da vida. O melancólico criado por Dürer traz, para além dos traços descritos por Aristóteles, mais uma característica: a paralisia. Dürer imortalizou em sua gravura mais um paradoxo do ser melancólico, que seria um indivíduo intelectualmente fértil, porém paralisado, novamente, por seus próprios pensamentos e angústias.

Para o historiador da arte alemão Erwin Panofsky, a figura alada seria, então, a personificação da melancolia, uma vez que pode-se ver, com clareza, a imagem do que seria o gênio atormentado, simbolizando o dilema entre o artista e o pensador

renascentista. O paradoxo, segundo Panofsky, seria: a figura alada representaria alguém dotado de grande inteligência e imaginação, porém, esse alguém sofreria com a limitação humana diante do saber absoluto.

A melancolia, ao longo da história, foi compreendida sob diferentes perspectivas, oscilando entre um estado patológico e uma característica dos indivíduos excepcionais. Se, para Hipócrates, a melancolia representava um desequilíbrio dos humores corporais, Aristóteles a enxergava como um traço comum entre aqueles dotados de grande inteligência e talento. No entanto, essa condição também carregava uma dualidade: poderia elevar o indivíduo à genialidade ou aprisioná-lo em seus próprios tormentos.

Em suma, a melancolia se configura como um estado paradoxal: ao mesmo tempo em que se associa à potência criativa e à reflexão profunda, também impõe um fardo emocional e existencial. Seja na filosofia de Aristóteles, na arte de Dürer ou na interpretação de Panofsky, a melancolia permanece um tema central na compreensão da condição, marcada pela inquietação entre o saber e a incapacidade de alcançá-lo plenamente.

3. A Árvore De Figos Como Símbolo Da Melancolia De Plath

Em *A redoma de vidro* um dos momentos mais importantes para se compreender a mente da personagem principal é quando, durante algo parecido com um devaneio, ela começa a metaforizar sobre sua indecisão relacionada à qual caminho deve seguir em sua vida. A metáfora criada por Esther Greenwood é a de uma árvore de figos. Baseando-se nas análises feitas nos capítulos anteriores, o presente artigo tem como proposta explorar, então, essa passagem do livro.

“Eu vi minha vida estendendo seus galhos em minha frente como a figueira verde da história. Da ponta de cada ramo, como um figo roxo e grande, um maravilhoso futuro acenava e piscava. Um figo era um marido e um lar feliz e filhos, e outro figo era uma famosa poetisa e outro figo era uma brilhante professora, e outro figo era E Gê, a editora incrível, e outro figo era Europa e África e América do Sul, e outro figo era Constantin e Sócrates e Attila e um pacote de outros amores com nomes esquisitos e profissões incomuns, e outro figo era a campeã da equipe olímpica, e além e acima desses figos haviam muitos outros figos que eu não podia distinguir bem. Eu me vi sentada na bifurcação dos galhos desta figueira, morrendo de fome, só porque eu não conseguia me decidir de qual figo escolher. Eu queria cada um deles, mas escolher um significaria perder todo o resto, e, enquanto eu estava sentada ali, incapaz de me decidir, os figos começaram a se enrugarem e ficarem pretos, e, um por um, eles caíram ao chão, aos meus pés” (PLATH, p. 237, 2006)

O presente excerto apresenta o retrato de uma jovem que, atormentada por todas as pressões, sociais e internas, debate, consigo mesma, qual será o seu futuro diante de tantas possibilidades. A ideia de que Plath, representada por Greenwood, padece do

mesmo “mau” que o ser excepcional de Aristóteles, fica clara, uma vez que a ideia de escolha está ligada à consciência dolorosa da perda. Novamente, o paradoxo de Aristóteles entre genialidade e destruição se faz verdadeiro, uma vez que os figos, representando as escolhas de possíveis vidas, apodrecem e caem aos pés da personagem.

Esther Greenwood demonstra, ao mesmo tempo, uma insatisfação com quem ela é e com quem ela pode, ou deve, ser. Em suma, os figos não são apenas representações de possibilidades de recomeços, são também o fruto da inquietude angustiante que assola a mente melancólica de Greenwood; a escolha de um deles significa a renúncia de todos os outros. Novamente, essa ideia de renúncia explica o paradoxo entre uma mente fértil, excepcional e o fardo de não conseguir viver sabendo que deixou outras vidas para trás, findando em paralisia e desespero.

O diálogo entre a passagem dos figos e os outros autores presentes neste artigo reside, justamente, na paralisia do melancólico. Mesmo estando diante de uma personagem e de uma autora de inteligência notável é angustiante ver sua a impotência diante da vida, o que a impede de avançar em sua vida, por isso, as possibilidades murcham aos seus pés.

A dor vivida pela personagem é, também, a mesma vivida pela figura alada presente na gravura de Durer, *Melancolia I*, neste vemos uma mente criativa, cercada por ferramentas de trabalho e criação e, mesmo assim, não consegue dar seguimento em sua produção. Em *A redoma de vidro* as ferramentas da figura alada são substituídas pelo talento e inteligência de Greenwood, porém, novamente, tomada pela melancolia não consegue agarrar oportunidades ou apenas seguir sua vida. O luto por vidas não vividas a prende a um eterno estado de melancolia e letargia.

Dado o exposto, conclui-se então que a metáfora da figueira ilustra a melancolia como um estado emocional e também como condição existencial decisiva para o melancólico. Trazendo o universo de Plath para perto do de Esther Greenwood a genialidade não seria, portanto, uma dádiva, e sim a dolorida consciência de que não colher um dos figos significa, objetivamente, no luto e tormento de não poder desfrutar dos outros.

Considerações Finais

O presente artigo teve por intuito investigar a melancolia, a genialidade e a criação literária, em específico do livro *A redoma de vidro* de Sylvia Plath, e a sua relação com a melancolia. Ficou evidente, durante as pesquisas feitas para a conclusão do artigo que, dentro da literatura da autora, a melancolia não seria apenas um traço estilístico de sua literatura mas sim, um traço de sua personalidade. O relato ficcional, criado por Plath, com a representação da protagonista Esther Greenwood é angustiante e intenso é um espelho de suas próprias experiências com a depressão e aprisionamento mental.

A construção melancólica criado por Plath pode ser lida sob a ótica Aristotélica, uma vez que, em seu Problema XXX, Aristóteles questiona a razão pela qual os indivíduos, chamados por ele de excepcionais, os quais seriam os filósofos, poetas e políticos, são marcados pelo traço do pensamento melancólico. Para o filósofo a genialidade desses tidos como excepcionais é acompanhada por uma sensibilidade exacerbada o que pode ser, paradoxalmente, construtivo ou destrutivo.

Como referencial visual o presente artigo alicerçou-se na gravura do século XVI *Melancolia I* de Albrecht Durer, que ajuda na construção da ideia de gênio atormentado

pelo pensamento melancólico e paralisia. Consta-se, novamente, a dualidade entre grande potencial intelectual e criativo e aprisionamento por angústias internas.

Para justificar o exposto, o presente artigo se baseou na obra de Sylvia Plath *A redoma de vidro*, principalmente na passagem da árvore de figos, uma vez que, nesse momento, a protagonista se vê paralisada diante da ideia de obrigatoriedade de escolha.

Por meio desta pesquisa foi possível traçar um paralelo entre, autora, protagonista e o “arquétipo” do gênio melancólico, para Sylvia Plath a literatura, portanto, não seria apenas um lugar para depositar sua “estética” estilística e sim o lugar de derramar suas angústias e anseios de vida.

Por fim, o presente artigo buscou correlacionar as várias ideias de melancolia, filosóficas, artísticas e literárias, no fito de analisar como o estado melancólico foi, e continua sendo, pertinente em vários âmbitos do saber. O intuito da pesquisa foi, também, constatar essa dualidade melancólica conversa com a obra "A redoma vidro."

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **The complete works of Aristotle**. Editora Princeton. New Jersey, 1984.

CARVALHO, Ana Cecília. **A poética do suicídio em Sylvia Plath**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

DÜRER, Albrecht. Gravura - **Melancholia I**. 1514. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/336228>. Data de acesso 31 de Janeiro de 2025.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. **Saturn and melancholy; Studies in the history of natural philosophy, religion and art**. McGill-Queen's Press-MQUP, 2019

PLATH, Sylvia. **The Bell Jar**. Harper Perennial Modern Classics. Nova York, 2006.

